

## A flauta mágica

Wolfgang Amadeus Mozart  
e Emanuel Schikaneder

adaptação de Rosana Rios

ilustrações de Nelson Cruz

### Contextualização histórica e social

30 de setembro de 1791. Nesse dia, enquanto em Paris a Assembleia Nacional Constituinte vota a anistia aos revolucionários, em Viena uma multidão aguarda a estreia de *A flauta mágica*, a nova ópera de Mozart. Regida pelo próprio compositor, tem o libretista Schikaneder atuando no papel de Papageno. Apesar do sucesso, que atravessou toda a temporada de inverno, o enredo dessa ópera desconcertou os críticos. Por isso uma primeira versão dela só chegou à França em 1865.

As origens desse enredo são variadas e polêmicas, bem como as circunstâncias de sua realização. No império austro-húngaro, no século XVIII, por influência da Revolução Francesa, a maçonaria adquiria simpatizantes e se expandia, ao mesmo tempo que continuava a ser perseguida pelos imperadores. Nessa época, a Europa vivia também uma grande onda de egiptomania, que culminou com a campanha napoleônica no Egito, em 1798. Em alguns países, as instituições maçônicas foram modificadas para acolher rituais derivados da mitologia egípcia, como o *Rito Egípcio de Cagliostro*. Reuniões foram transferidas dos restaurantes para os templos e o mito de Osíris foi restaurado. Wolfgang Amadeus Mozart, o compositor de *A flauta mágica*, e Emanuel Johann Schikaneder, o libre-

tista, eram maçons. Por isso, essa ópera acabou ficando impregnada com símbolos dessa fraternidade. Mesmo fazendo referência a outros contos orientais, o libreto parece ter sido essencialmente inspirado nos rituais maçônicos. Desse modo, ao lema da Revolução Francesa – liberdade, igualdade, fraternidade –, apreciado pela franco-maçonaria, somariam-se o trinômio virtude-prudência-sabedoria e as alusões a elementos puros como bondade e fraternidade – valores igualmente maçônicos. Qualidades que se fundiram ao profundo humanismo de Mozart, nesta obra que inaugura o período clássico da ópera.

Tudo indica que foi sobretudo Mozart, mestre iniciado e amigo do Barão Ignaz von Born, ilustre maçom da Grande Loja da Áustria, que interveio no libreto de modo decisivo, dando à obra uma atmosfera de teor iniciático. Estudiosos defendem até que a personagem do sábio Sarastro seria uma homenagem ao Barão von Born, que morreu por ocasião das primeiras apresentações.

A ação se passa, evidentemente, no mitológico Egito. Elementos da natureza, números cabalísticos, pares (masculino-feminino), simbolismo do sol e da lua, das trevas e da luz, reúnem-se a esse cenário para complementar o drama maçônico. A trama inclui igualmente paralelismos com os rituais da franco-maçonaria, pois as provas a que são submetidos os protagonistas são semelhantes aos ritos de iniciação dos neófitos nas lojas maçônicas.

Ainda nesse sentido, um outro aspecto curioso pode ser observado: a tonalidade mais importante da ópera é a de mi bemol maior, som solar e luminoso. Segundo Jean Massin, biógrafo contemporâneo de Mozart, essa é a tonalidade maçônica por excelência. Isso seria mais um argumento para demonstrar que Mozart, além de conhecer perfeitamente o profundo simbolismo da peça, buscava ressaltá-lo por meio de processos musicais específicos.

Afirma-se que Mozart discordava da atitude depreciativa da maçonaria com relação às mulheres; por isso, teria criado grandes papéis femininos em suas óperas. De fato, no caso de *A flauta mágica*, Pamina faz questão de compartilhar com Tamino as provas mais difíceis.

As figuras de Papagueno e Papaguena trazem o burlesco à cena. Papagueno foi visto, inclusive, como uma paródia a Antonio Salieri. Rival de Mozart na corte de Viena, Salieri chegou a ser acusado de ter envenenado o menino-prodígio austríaco. Boquirroto, fraco de caráter, preguiçoso e mentiroso, Papagueno efetivamente compõe uma figura pouco merecedora de admiração.

Juntamente com o *Réquiem* inacabado, *A flauta mágica* foi a última grande obra de Mozart. O gênio alemão morreria em 5 de dezembro de 1791, com apenas 35 anos. Em seu leito de morte, recitava de memória as árias de sua magnífica ópera.

## Magia e natureza nas obras da cultura

A ópera de Mozart está profundamente enraizada no imaginário da música, sobretudo no seu aspecto encantatório. É a magia da flauta e do carrilhão de sinos que decide a sorte das personagens nos momentos de crise. Esse universo não exclui a mitologia, pois a flauta está associada ao mito de Pã (ou Pan). Divindade pré-helênica, em parte zoomorfa e em

parte humana, Pã é o deus dos pastores e dos rebanhos. Conta-se que ganhou de Afrodite a flauta de sete tubos, com que encantava todos os habitantes dos bosques.

No século XVIII, sob a influência da poesia órfica, da filosofia neoplatônica e do cristianismo, o deus Pã tornou-se o maior símbolo panteísta, a síntese do paganismo. Interpretação fundada na etimologia (o nome Pã significa tudo), afastando-se do simbolismo mais antigo do mito (ligado à alegria dos deuses em conhecê-lo). Dessa forma, a flauta de sete tubos representaria as sete notas da harmonia universal, e a fusão das formas animais e humanas na caracterização do deus revelaria o caráter múltiplo da vida no universo. Essa imagem corresponde à ideia que se fazia da antiguidade: naquele século, a natureza em festa diante do deus que simboliza a universalidade dos seres.

O tema de um instrumento musical com poderes mágicos era recorrente na época da ópera de Mozart. Contos fantásticos, peças de teatro e óperas de variados estilos apelavam para o som de flautas, cítaras, fagotes. Por meio dessas obras, vivia-se o esforço de renovação do teatro lírico. Associada à técnica melodiosa do *bel canto*, herdada do período barroco, a *Singspiel* alemã (equivalente à *opéra-comique* francesa) suplantaria a ópera séria (mais densamente trágica), trazendo uma atmosfera menos dramática e mais lírica.

O genial Mozart inovou as combinações temáticas, articulando os motivos mitológicos a dramas e comédias mais humanos, ampliando o repertório de temas para atingir um público menos elitizado. Não foi por acaso que *A flauta mágica* estreou num teatro de periferia, o *Theater auf der Wieden* de Viena, dirigido pelo seu amigo Schikaneder.

## Sugestão didática

### A musicalidade da língua

Por volta dos 9 anos, geralmente as crianças já sabem ler e escrever em sentido comum. Mas, para a grande leitura do mundo, existem outros códigos auxiliares. Será que elas sabem que existe uma escrita especial, igual em todos os países, que serve para ler e escrever música? Será que elas já perceberam que há modulações sonoras, em um texto escrito em prosa ou poesia, como também entre a forma como as palavras são pronunciadas nas diversas regiões do país (sem mencionar as outras línguas). Você pode realizar a atividade seguinte com seus alunos para ajudá-los a refletir sobre isso:

- a) Leve para a sala de aula três exemplos para comparação: um texto escrito em prosa, uma poesia e uma partitura (que é a transcrição da linguagem musical), com a letra de uma música conhecida por todos.
- b) Procure ler os dois textos e também a letra musical com uma entonação própria e mostre como a música não é propriedade apenas das canções. Como a rima, os fonemas, a exatidão das palavras e a disposição gráfica do texto na folha de papel tornam diferentes a “música” da poesia da “música” contida na prosa.

- c) Incentive as crianças a entrarem em contato com a própria voz, a ouvir e a cantar. Escutar e produzir sons é um processo que integra sensibilidade e intelecto, corpo e mente, além de estimular a intuição, a fantasia, a criatividade, a reflexão, o relacionamento. Além disso, o canto ajuda na dicção e permite que a criança se expresse melhor e se sinta inserida na cultura.

## Sugestões de livros

CHAILLEY, Jacques. *A flauta mágica: ópera maçônica*. Trad. Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ROBBINS, H. C. Landon. *Mozart, um compêndio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

## Sugestões de filmes

*Amadeus*. Direção: Milos Forman. EUA, 1984, 160 min. Filme em DVD duplo, colorido. Distribuidora: Warner. Legendas: inglês, português e espanhol.

*A lenda da flauta mágica (The Pied Piper)*. Direção: Jacques Demy. Inglaterra, 1972. 90 min. Filme em VHS, colorido. Distribuidora: Alvorada Vídeo.

## Sugestões de CDs

*Flute. Mozart*. Orquestra Filarmônica de Dresden e Coral da Rádio de Leipzig. Regência: Sir Colin Davis. Caixa com 2 CDs. Gravadora Philips, Dresden, Alemanha, 1994.

*Aquarela do Brasil e a Flauta de Pã*. Fernando Montenegro. CD de música instrumental. Gravadora MNF, Brasil, s/data.

## Links na internet

<http://www.mozartproject.org/>

<http://www.mnemocine.com.br/filipe/opera.htm>.